

Leão XIV

Eu te amei

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA

DILEXI TE

DO SANTO PADRE

LEÃO XIV

SOBRE O AMOR PARA COM OS POBRES



EDITORIAL AO

Na Capa
Samariter
(Samaritan)
Heinrich Stegemann
1919 . Gemälde . Bild ID: 692873
Nicht klassifizierte Künstler

Capa
Romão Figueiredo

Paginação
Editorial AO

Impressão e Acabamentos
Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º
554881/25

ISBN
978-972-39-1031-5

Outubro de 2025

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

1. «EU TE AMEI» (*Ap* 3, 9), diz o Senhor a uma comunidade cristã que, ao contrário de outras, não tinha qualquer relevância ou recurso e estava exposta à violência e ao desprezo: «tens pouca força, mas [...] farei que [...] venham prostrar-se a teus pés» (*Ap* 3, 8-9). Este texto recorda as palavras do cântico de Maria: «Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias» (*Lc* 1, 52-53).

2. A declaração de amor do Apocalipse remete para o mistério insondável que foi aprofundado pelo Papa Francisco na Encíclica *Dilexit nos* sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus. Nela, admirámos o modo como Jesus se identifica “com os últimos da sociedade” e como, através do seu amor doado até ao fim, mostra a dignidade de cada ser humano, sobretudo quando é «mais fraco, mísero e sofredor»¹. Contemplar o amor de Cristo «ajuda-nos a prestar mais atenção ao sofrimento e

¹ FRANCISCO, Carta enc. *Dilexit nos* (24 de outubro de 2024), 170; *AAS* 116 (2024), 1422.

às necessidades dos outros, e torna-nos suficientemente fortes para participar na sua obra de libertação, como instrumentos de difusão do seu amor»².

3. Por esta razão, em continuidade com a Encíclica *Dilexit nos*, o Papa Francisco, nos últimos meses da sua vida, estava a preparar uma Exortação Apostólica sobre o cuidado da Igreja pelos pobres e com os pobres, intitulada *Dilexi te*, imaginando Cristo a dirigir-se a cada um deles dizendo: Tens pouca força, pouco poder, mas «Eu te amei» (*Ap* 3, 9). Ao receber como herança este projeto, sinto-me feliz ao assumi-lo como meu – acrescentando algumas reflexões – e ao apresentá-lo no início do meu pontificado, partilhando o desejo do meu amado Predecessor de que todos os cristãos possam perceber a forte ligação existente entre o amor de Cristo e o seu chamamento a tornarmo-nos próximos dos pobres. Na verdade, também eu considero necessário insistir neste caminho de santificação, porque no «apelo a reconhecê-lo nos pobres e atribulados, revela-se o próprio coração de Cristo, os seus sentimentos e as suas opções mais profundas, com os quais se procura configurar todo o santo»³.

² *Ibid.*, 171: AAS 116 (2024), 1422-1423.

³ IDEM, Exort. ap. *Gaudete et exsultate* (19 de março de 2018), 96: AAS 110 (2018), 1137.

Capítulo I

ALGUMAS PALAVRAS INDISPENSÁVEIS

4. Os discípulos de Jesus criticaram a mulher que derramou um perfume muito precioso sobre a sua cabeça: «Para quê este desperdício?» – diziam eles – «Podia vender-se por bom preço e dar-se o dinheiro aos pobres». Mas o Senhor disse-lhes: «Pobres, sempre os tereis convosco; mas a mim nem sempre me tereis» (*Mt* 26, 8-9.11). Aquela mulher tinha compreendido que Jesus era o Messias humilde e sofredor sobre quem derramar o seu amor: que consolo aquele unguento sobre a cabeça que, dali a poucos dias, seria atormentada pelos espinhos! Era um pequeno gesto, mas quem sofre sabe o quanto é grande mesmo um pequeno sinal de afeto e quanto alívio pode trazer. Jesus compreende isso e confirma a sua perenidade: «Em qualquer parte do mundo onde este Evangelho for anunciado, há de também narrar-se, em sua memória, o que ela acaba de fazer» (*Mt* 26, 13). A simplicidade daquele gesto revela algo grandioso. Nenhuma expressão de carinho,

nem mesmo a menor delas, será esquecida, especialmente se dirigida a quem se encontra na dor, sozinho, necessitado, como estava o Senhor naquela hora.

5. É precisamente nesta perspectiva que o afeto pelo Senhor se une ao afeto pelos pobres. Aquele Jesus que diz «Pobres, sempre os tereis convosco» (*Mt* 26, 11) expressa igual sentido quando promete aos discípulos: «Sabei que Eu estarei sempre convosco» (*Mt* 28, 20). Ao mesmo tempo, vêm-nos à mente aquelas palavras do Senhor: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (*Mt* 25, 40). Não estamos no horizonte da beneficência, mas no da Revelação: o contacto com quem não tem poder nem grandeza é um modo fundamental de encontro com o Senhor da história. Nos pobres, Ele ainda tem algo a dizer-nos.

SÃO FRANCISCO

6. O Papa Francisco, ao recordar a escolha do próprio nome, contou que, após a sua eleição, um Cardeal amigo abraçou-o, beijou-o e disse-lhe: «Não te esqueças dos pobres!»⁴. Trata-se da mesma recomendação feita

⁴ FRANCISCO, *Encontro com os Representantes dos Meios de Comunicação Social* (16 de março de 2013): AAS 105 (2013), 381.

pelas autoridades da Igreja a São Paulo quando ele subiu a Jerusalém para verificar a sua missão (cf. *Gl* 2, 1-10). O Apóstolo pôde afirmar anos mais tarde: foi «o que procurei fazer com o maior empenho» (*Gl* 2, 10). Trata-se também da escolha de São Francisco de Assis: no leproso, foi o próprio Cristo que o abraçou, transformando a sua vida. A figura luminosa do *Poverello* jamais deixará de nos inspirar.

7. Há oito séculos, foi ele que provocou um renascimento evangélico nos cristãos e na sociedade do seu tempo. O jovem Francisco, anteriormente rico e presunçoso, renasceu a partir do impacto com a realidade daqueles que são expulsos da convivência. O impulso dado por ele não cessa de mover os corações dos fiéis e de muitos não crentes e «mudou a história»⁵. Segundo as palavras de São Paulo VI, o próprio Concílio Vaticano II segue nesta direção: «Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio»⁶. Estou convencido de que a opção preferencial pelos pobres gera uma renovação extraordinária tanto na Igreja como na sociedade, quando somos capazes de nos

⁵ J. BERGOGLIO – A. SKORKA, *Sobre el cielo y la tierra* (Buenos Aires 2013), 214.

⁶ SÃO PAULO VI, *Homília na Missa por ocasião da última Sessão Pública do Concílio Ecuménico Vaticano II* (7 de dezembro de 1965): AAS 58 (1966), 55-56.

libertar da autorreferencialidade e conseguimos ouvir o seu clamor.

O CLAMOR DOS POBRES

8. A propósito, na Sagrada Escritura há um texto que deve ser tomado sempre como ponto de partida. Trata-se da revelação de Deus a Moisés junto à sarça ardente: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de o libertar [...] E agora, vai; Eu te envio» (*Ex* 3, 7-8.10)⁷. Deus mostra-se solícito para com as necessidades dos pobres: «Clamaram, então, ao Senhor, e o Senhor enviou-lhes um salvador» (*Jz* 3, 15). Portanto, ao ouvir o clamor do pobre, somos chamados a identificar-nos com o coração de Deus, que está atento às necessidades dos seus filhos, especialmente dos mais necessitados. Se permanecêssemos, porém, indiferentes a esse clamor, o pobre clamaria ao Senhor contra nós e isso tornar-se-ia para nós um pecado (cf. *Dt* 15, 9) e, deste modo, afastar-nos-íamos do próprio coração de Deus.

⁷ Cf. FRANCISCO, Exort. ap. *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013), 187: *AAS* 105 (2013), 1098.

9. A condição dos pobres representa um grito que, na história da humanidade, interpela constantemente a nossa vida, as nossas sociedades, os sistemas políticos e económicos e, sobretudo, a Igreja. No rosto ferido dos pobres encontramos impresso o sofrimento dos inocentes e, portanto, o próprio sofrimento de Cristo. Ao mesmo tempo, deveríamos falar, e talvez de modo mais acertado, dos inúmeros rostos dos pobres e da pobreza, uma vez que se trata de um fenómeno multifacetado; na verdade, existem muitas formas de pobreza: a daqueles que não têm meios de subsistência material, a pobreza de quem é marginalizado socialmente e não possui instrumentos para dar voz à sua dignidade e capacidades, a pobreza moral e espiritual, a pobreza cultural, aquela de quem se encontra em condições de fraqueza ou fragilidade seja pessoal seja social, a pobreza de quem não tem direitos, nem lugar, nem liberdade.

10. Neste sentido, pode dizer-se que o compromisso em favor dos pobres e pela erradicação das causas sociais e estruturais da pobreza, embora tenha adquirido importância nas últimas décadas, ainda continua insuficiente; até porque as sociedades em que vivemos privilegiam, com frequência, linhas políticas e padrões de vida marcados por numerosas desigualdades e, por isso, às antigas formas de pobreza que evidenciámos e se procuram combater, acrescentam-se outras novas, por vezes mais subtis

e perigosas. Deste ponto de vista, é de louvar que as Nações Unidas tenham colocado a erradicação da pobreza como um dos objetivos do Milénio.

11. Ao compromisso concreto com os pobres ocorre associar também uma mudança de mentalidades que tenha incidências culturais. Efetivamente, a ilusão de uma felicidade que deriva de uma vida confortável leva muitas pessoas a ter uma visão da existência centrada na acumulação de riquezas e no sucesso social a todo o custo, a ser alcançado mesmo explorando os outros e aproveitando ideais sociais e sistemas político-económicos injustos, favoráveis aos mais fortes. Assim, num mundo onde os pobres são cada vez mais numerosos, vemos paradoxalmente crescer algumas elites ricas, que vivem numa bolha de condições demasiado confortáveis e luxuosas, quase num mundo à parte em relação às pessoas comuns. Isto significa que persiste – por vezes bem disfarçada – uma cultura que descarta os outros sem sequer se aperceber, tolerando com indiferença que milhões de pessoas morram à fome ou sobrevivam em condições indignas do ser humano. Há alguns anos, a foto de uma criança de bruços, sem vida, numa praia do Mediterrâneo, provocou grande choque; infelizmente, à parte de alguma momentânea comoção, acontecimentos semelhantes estão a tornar-se cada vez mais irrelevantes, como se fossem notícias secundárias.

12. Não devemos baixar a guarda diante da pobreza. Preocupam-nos, de modo particular, as graves condições em que vivem muitíssimas pessoas, devido à escassez de alimentos e água potável. Todos os dias morrem milhares de pessoas por causas relacionadas com a desnutrição. Mesmo nos países ricos, as estimativas relativas ao número de pobres não são menos preocupantes. Na Europa, há cada vez mais famílias que não conseguem chegar ao fim do mês. Em geral, nota-se que as diferentes manifestações da pobreza aumentaram. Ela já não se apresenta como uma condição única e homogênea, mas manifesta-se em múltiplas formas de empobrecimento económico e social, refletindo o fenómeno de crescentes desigualdades, mesmo em contextos geralmente prósperos. Recordemos que «duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos. E, todavia, também entre elas, encontramos continuamente os mais admiráveis gestos de heroísmo quotidiano na defesa e cuidado da fragilidade das suas famílias»⁸. Embora em alguns países se observem mudanças importantes, «a organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens. As palavras dizem uma coisa, mas

⁸ *Ibid.*, 212: AAS 105 (2013), 1108.

as decisões e a realidade gritam outra»⁹, especialmente se pensarmos nas mulheres mais pobres.

PRECONCEITOS IDEOLÓGICOS

13. Para além dos dados – que por vezes são “interpretados” tentando convencer que a situação dos pobres não é tão grave assim –, o quadro geral é bastante claro: «Há regras económicas que foram eficazes para o crescimento, mas não de igual modo para o desenvolvimento humano integral. Aumentou a riqueza, mas sem equidade, e assim nascem novas pobreza. Quando dizem que o mundo moderno reduziu a pobreza, fazem-no medindo-a com critérios doutros tempos não comparáveis à realidade atual. Pois noutros tempos, por exemplo, não ter acesso à energia elétrica não era considerado um sinal de pobreza nem causava grave incómodo. A pobreza sempre se analisa e compreende no contexto das possibilidades reais dum momento histórico concreto»¹⁰. Todavia, para além das situações específicas e conjunturais, num documento da União Europeia de 1984, afirmava-se: «considera-se pessoas pobres os indivíduos, as famílias e os grupos de pessoas cujos recursos (materiais, culturais e sociais)

⁹ IDEM, Carta enc. *Fratelli tutti* (3 de outubro de 2020), 23: AAS 112 (2020), 977.

¹⁰ *Ibid.*, 21: AAS 112 (2020), 976.

são de tal modo débeis que os excluem de um tipo de vida minimamente aceitável no Estado-membro em que vivem»¹¹. Contudo, se reconhecemos que todos os seres humanos têm a mesma dignidade, independentemente do local de nascimento, não se podem ignorar as grandes diferenças que existem entre países e regiões.

14. Os pobres não existem por acaso ou por um cego e amargo destino. Muito menos a pobreza é uma escolha, para a maioria deles. No entanto, ainda há quem ouse afirmá-lo, demonstrando cegueira e crueldade. Entre os pobres há também, obviamente, aqueles que não querem trabalhar, talvez porque os seus antepassados, que trabalharam toda a vida, morreram pobres. Mas há muitos homens e mulheres que trabalham de manhã à noite, recolhendo papelão, por exemplo, ou realizando outras atividades semelhantes, embora saibam que este esforço servirá apenas para sobreviver e nunca para melhorar verdadeiramente as suas vidas. Não podemos dizer que a maioria dos pobres estão nessa situação porque não obtiveram “méritos”, de acordo com a falsa visão da meritocracia, segundo a qual parece que só têm mérito aqueles que tiveram sucesso na vida.

¹¹ CONSELHO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS, *Decisão (85/8/CEE) relativa a uma ação comunitária específica de luta contra a pobreza* (19 de dezembro de 1984), art. 1, § 2: *Jornal Oficial das Comunidades Europeias*, N.º L 2/24.

15. Também os cristãos, em muitas ocasiões, se deixam contagiar por atitudes marcadas por ideologias mundanas ou por orientações políticas e económicas que levam a injustas generalizações e a conclusões enganadoras. Observar que o exercício da caridade é desprezado ou ridicularizado, como se fosse uma fixação somente de alguns e não o núcleo incandescente da missão eclesial, faz-me pensar que é preciso ler novamente o Evangelho, para não se correr o risco de o substituir pela mentalidade mundana. Se não quisermos sair da corrente viva da Igreja que brota do Evangelho e fecunda cada momento histórico, não podemos esquecer os pobres.

ÍNDICE

«Eu te amei» [1-3]	7
Capítulo I – ALGUMAS PALAVRAS INDISPENSÁVEIS	9
São Francisco [6-7]	10
O clamor dos pobres [8-12]	12
Preconceitos ideológicos [13-15]	16
Capítulo II – DEUS ESCOLHE OS POBRES	19
A opção pelos pobres [16-17]	19
Jesus, o Messias pobre [18-23]	21
A misericórdia para com os pobres na Bíblia [24-34]	26
Capítulo III – UMA IGREJA PARA OS POBRES	33
A verdadeira riqueza da Igreja [37-38]	34
Os Padres da Igreja e os pobres [39-48]	36
Cuidar dos enfermos [49-52]	43
O cuidado com os pobres na Vida Monástica [53-58]	46
Libertar os cativos [59-62]	50
Testemunhas da pobreza evangélica [63-67]	55
A Igreja e a instrução dos pobres [68-72]	58

Acompanhar os migrantes [73-75]	62
Ao lado dos últimos [76-79]	66
Movimentos populares [80-81]	69
 Capítulo IV – UMA HISTÓRIA QUE CONTINUA	 73
O século da Doutrina Social da Igreja [82-89]	73
Estruturas de pecado que criam pobreza e desigualda- des extremas [90-98]	81
Os pobres como sujeitos [99-102]	88
 Capítulo V – UM PERMANENTE DESAFIO	 93
Novamente o bom samaritano [105-107]	94
Um desafio inadiável para a Igreja de hoje [108-114]	97
Doar ainda hoje [115-121]	102
 <i>Índice</i>	 107